

O sentido das palavras

Justificaria uma laboriosa dissertação verificar que, além de um significado, ou vários, que a mesma palavra pode conter, como mostra qualquer dicionário, ela revela um sentido que ultrapassa o seu valor de "uso" como instrumento de comunicação e que só se alcança quando o receptor se dispõe a penetrar no "âmago" do emissor. Concretizando: quando o chefe do Governo Regional da Madeira e o secretário-geral do Partido Comunista proferem a palavra Democracia; o líder da Confederação Geral dos Trabalhadores e o presidente da Associação dos Industriais falam em Trabalho; ou Francisco Louçã e Paulo Portas, em Liberdade; D.Policarpo e Mário Soares, em Deus; Ferro Rodrigues e Ferreira Leite, em Estabilidade; José Saramago e Vasco Graça Moura, em Povo - não estão a falar da mesma coisa. Simplesmente porque a palavra, sendo reveladora de um sentido ideológico e/ou de uma natureza de classe, original ou adquirida, é condicionante da visão do destinatário e determinante do objectivo da mensagem. Não é preciso regressar a Kant: diferentes olhares produzem diferentes objectos; diferentes classes produzem diferentes conceitos; e diferentes conceitos produzem diferentes vivências. Basta lembrar o que pensam Bush e Bin Laden sobre o Mal ou palestinianos e israelitas sobre o Terrorismo. Mas, visível ou encoberto, tanto sentido existe na palavra tida por adequada para mobilizar o destinatário, como na sua omissão. Por exemplo: fez-se moda dizer, em vez de Povo: Portugueses. Bizarramente, com o maior desapego pela Gramática, agora "sexualiza-se" a Nação, dizendo Portugueses e Portuguesas, ou, "cavalheirescamente", ao invés...

Mas também há omissões e substituições verbais sintomáticas da ideologia e da classe. Um exemplo: numa dessas longas entrevistas requestadas pela Televisão, há tempos, um Ministro-ideólogo do Partido de Durão Barroso falou do País, durante cerca de uma hora, sem pronunciar a palavra Povo, mas repetiu a palavra Personalismo. Referindo-se às qualidades dos falecidos Henrique Mendes e Maria de Lurdes Pintasilgo, o então indigitado novo Primeiro-Ministro Santana Lopes destacava, em ambos, o facto de serem muito elegantes, educados e não falarem mal de ninguém...

Mesmo pelos socialistas, a palavra Socialismo é raramente proferida. Será porque, como disse, há anos, Mário Soares, o socialismo tinha sido metido numa gaveta, ou porque até os actuais epígonos de Marx, Engels e Lênin se sentem suficientemente representados como Democratas, a despeito da "trapalhada" que é chamar Democracia a todos os jogos do poder (sendo eventualmente Aristocracia, Oligarquia, Plutocracia) menos ao poder do Povo, que é o significado etimológico do termo?

Só ainda o Povo (essa "coisa" abstracta de cujo voto emana o Poder mas não tem poder) dá às palavras o sentido que, sem ambiguidades, concretamente o definem: é Democracia a liberdade que ele tem de criticar, sem nenhuma "elegância", os governantes que o enganam e o obrigam a pagar as crises; é Patriotismo o entusiasmo com que vitoria a selecção de futebol e desfralda a bandeira nacional; é Política o seu direito de recusar o voto em Partidos que o desiludiram; é País aquele território onde nasceu e do qual se sente cada vez menos dono e senhor; é Nação aquela "res publica" que, amalgamando ideologias e classes, em raros momentos de inspiração colectiva onde não tem lugar qualquer espécie de personalismo (o 25 de Abril, a independência de Timor, o Euro-94, o São João no Porto) se pensa univocamente Portugal. É bom saber quem fala o quê e para quem.